
8 de janeiro: Análise comparativa do enquadramento feito por jornais brasileiros sobre o acontecimento¹

Mariana Gomes de OLIVEIRA²

Lídia Sacramento de SOUZA³

Gabriella da Cunha SANTOS⁴

Vanessa Gomes Teixeira ANACHORETA⁵

Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal, PT⁶

Resumo

O presente trabalho trata-se de uma análise comparativa de três notícias que discorrem sobre a invasão ao Congresso Nacional do Brasil no dia 8 janeiro de 2023. Os jornais selecionados são a Folha de São Paulo e o Jornal G1- o portal de notícias da Globo devido ao fato de serem jornais de ampla divulgação no território brasileiro. . Tendo como base teórica os estudos de Marques (2013; 2020), Ramos (2020) e Garcia (2015), a pesquisa contempla a identificação de marcas linguísticas que revelam o enquadramento dos jornais e o posicionamento dos locutores ao tratarem do tema. Neste contexto, são analisadas as seguintes categorias: coordenadas enunciativas (eu, tu, aqui e agora); escolhas lexicais; quantificadores; polifonia; e construção argumentativa. .

Palavras-chave: Análise do discurso; Enquadramento; Democracia; Matérias jornalísticas; 8 de janeiro.

Introdução

O dia 8 de janeiro de 2023 foi um dia histórico que marcou o Brasil. Ao final da tarde, inúmeros bolsonaristas invadiram e vandalizaram o Palácio do Planalto, em Brasília, em um ato de protesto devido aos resultados das eleições presidenciais brasileiras que destituíam Jair Bolsonaro, até então presidente, do poder. As notícias sobre o ocorrido logo se espalharam pelas redes sociais, onde observa-se a forma como são narrados os fatos por cada jornal, as escolhas feitas para se referir aos invasores do Planalto e outros elementos linguísticos que indicam o modo em que a construção do

¹ Trabalho apresentado no IJ01 - Jornalismo, da Intercom Júnior – XX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 8º semestre do Curso de Relações Públicas na Universidade Estado da Bahia e em mobilidade acadêmica na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, e-mail: marianagomes.oli@hotmail.com

³ Estudante de Graduação 8º semestre do Curso de Relações Públicas na Universidade Estado da Bahia e em mobilidade acadêmica na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, e-mail: liidia_souza@hotmail.com

⁴ Estudante de Graduação 8º semestre do Curso de Jornalismo na Universidade Católica do Salvador e em mobilidade acadêmica na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, e-mail: gabriellahcunha@gmail.com

⁵ Orientadora do trabalho. Investigadora doutora do Centro de Linguística da Universidade do Porto e professora assistente convidada da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, e-mail: vanachoreta@letras.up.pt

⁶ Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito dos projetos «UIDB/00022/2020» e «UIDP/00022/2020».

discurso revela posições ideológicas e políticas de cada grupo jornalístico. Vale destacar a relevância do papel da mídia no contexto social, como esclarece Andrade (*apud* Garcia, 2015), “a mídia é considerada o quarto poder, sendo o maior segmento econômico do mundo, sendo a maior fonte de informação e entretenimento que a população possui.” A autora ainda destaca que a mídia também funciona como um dispositivo de difusão de ideologias dentro da sociedade, ao propagar sistemas de valores e crenças, contribuindo, em alguns casos, para a massificação da sociedade. Assim, entender o processo de enquadramento dado por diferentes jornais ao ocorrido no dia 8 de janeiro, também é observar a forma como os medias atuam para que a sociedade interprete determinado fato e quais as ideologias políticas que os jornais se ancoram.

Neste sentido, o trabalho proposto tem como principal objetivo realizar uma análise comparativa em relação ao enquadramento de duas notícias sobre o fato ocorrido no dia 8 de janeiro no Brasil, sendo estes: a Folha de São Paulo e o G1. Para tanto, o estudo apresenta os seguintes objetivos específicos: 1) identificar marcas linguísticas que revelam a presença do locutor no discurso e seu posicionamento em relação ao fato noticiado; 2) analisar de que forma os argumentos são construídos nos textos e quais efeitos de sentido são produzidos e 3) observar quais escolhas linguísticas são feitas e seus impactos dentro do discurso.

Por fim, o artigo encontra-se dividido da seguinte forma: inicialmente, é feita uma contextualização do ocorrido do dia 8 de janeiro; depois, são apresentados o percurso metodológico e os principais conceitos teóricos da pesquisa; em seguida, são feitas as análises acerca do *corpus*; por último, são apresentadas as considerações finais do trabalho.

Contextualização do acontecimento do dia 8 de janeiro em Brasília

Os atos de 08 de janeiro de 2023 tiveram início às 15 horas, com a invasão de grupos bolsonaristas que estavam acampados em frente à Sede dos Três Poderes e também em frente ao Quartel General do Exército em Brasília desde novembro de 2022. A invasão foi organizada por manifestantes insatisfeitos com a vitória do candidato à presidência Luiz Inácio Lula da Silva em 30 de outubro de 2022. Este evento foi considerado pelas autoridades um ato inconstitucional contra as instituições federais. De acordo com o Artigo 216 da Constituição Federal Brasileira de 1988:

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I - as formas de expressão; II - os modos de criar, fazer e viver; III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. (Constituição da República Federativa do Brasil, 1988).

Tais itens, considerados patrimônios brasileiros, englobam a maior parte dos artigos depredados e destruídos durante os atos, o que fez com que o ocorrido de 08 de janeiro em Brasília fosse considerado um ato criminoso e inconstitucional e culminasse na investigação liderada pelo ministro Alexandre de Moraes.

Houve um alerta ao governo federal semanas antes do ataque a respeito de manifestações antidemocráticas, e foi afirmado pelo ministro da justiça Flávio Dino que as mobilizações seriam resolvidas até a sexta-feira, dia 6 de janeiro. Os manifestantes estavam ocupando quartéis militares desde novembro de 2022, logo após os resultados das eleições presidenciais que elegeram Lula o presidente da República em uma disputa acirrada contra Jair Bolsonaro. Em frente aos quartéis, os apoiadores bolsonaristas mesclavam entre gritos por intervenção militar, orações e entoação do Hino Nacional. Os clamores por intervenção militar trazem à tona um passado da história brasileira, iniciado a partir de um golpe de Estado por parte dos militares em 1964 após a renúncia do então presidente Jânio Quadros em 1961 e a posse do vice-presidente João Goulart.

As remanescentes deixadas pela ditadura brasileira são visíveis até os dias atuais. Os pedidos por intervenção militar no Brasil começaram a ser entoados em meados de 2018, dois anos após o Impeachment da então presidenta Dilma Rousseff quando Jair Bolsonaro, na época candidato à presidência da república, adotou em sua campanha eleitoral discursos que defendiam princípios conservadores. Neste sentido, o político, como afirma Melo (2019 p. 7), nega o caráter de forte repressão da ditadura militar e a transforma este regime político em um tempo mítico em que o país vivia tempos melhores.

No caso da mídia brasileira, observa-se que a participação e a influência dos veículos de notícias na política vêm tomando espaço desde o impeachment da presidenta Dilma Rousseff em 2016. Guazina e Santos (2017), por exemplo, analisam capas das edições da Folha de São Paulo com o intuito de investigar como se constitui a cobertura

jornalística acerca da crise no país, concluindo que o jornal já destacava o tema do impeachment em sua capa desde a semana seguinte à reeleição da política.

O percurso metodológico do trabalho

A presente pesquisa trata-se de uma investigação qualitativa de cunho interpretativo. Para a constituição do *corpus*, foram selecionadas a matéria *Golpistas invadem Planalto, Congresso e STF; PM reage com bombas* do jornal a Folha de São Paulo e a matéria *Terrorismo em Brasília: o dia em que bolsonaristas criminosos depredaram Planalto, Congresso e STF* do portal G1. Os critérios de seleção se basearam nos recortes temático, geográfico e temporal: ambas as notícias foram publicadas no mesmo dia em que ocorreu o fato (8 de janeiro de 2023) por dois jornais brasileiros de grande circulação social.

A justificativa para tal escolha é a relevância desses veículos no contexto brasileiro. De acordo com a edição de 2022 do Digital News Report realizado pelo Reuters Institute da Universidade de Oxford no Reino Unido, o Grupo Globo ocupa o primeiro lugar como veículo mais influente no Brasil, e a Folha de São Paulo, apesar de não ser a mais influente dentre a lista, é a de maior longevidade e com atividade consolidada entre os brasileiros, tendo a sua fundação em 1921. Sendo assim, eles ocupam posições importantes na cobertura feita aos atos de 08 de janeiro em Brasília, levando em consideração a polarização política brasileira e o grau de influência de ambos podem exercer na formação da opinião pública.

Já em relação à análise, são estudadas as seguintes categorias para a investigação do enquadramento do fato ocorrido no dia 8 de janeiro no Brasil: coordenadas enunciativas (eu, tu, aqui e agora); escolhas lexicais; quantificadores; polifonia; e construção argumentativa. A partir da análise, busca-se aprofundar de que modo elementos linguísticos atuam na construção discursiva dos textos e produzem efeitos de sentido que revelam determinadas posições ideológicas dos veículos de comunicação.

Referencial teórico

O presente trabalho parte da perspectiva teórica da Análise do Discurso para realizar a análise comparativa entre os discursos presentes nas matérias jornalísticas.

Atualmente, na era da mediatização, o discurso jornalístico é visto como um dos discursos estruturadores da sociedade, uma vez que a mídia é considerada o quarto poder, apresentando-se como grande força para a política, economia e ideologia (Andrade *apud* Garcia, 2015). Dialogando com esta perspectiva, Marques & Ramos (2020) acrescentam que “os media desempenham um papel social mais poderoso do que outras instituições no agendamento da vida social”, pois exercem influência direta na forma como a sociedade tem acesso a informações e interpretam acontecimentos mundiais.

De acordo com Marques (2013), a leitura de um conteúdo jornalístico solicita atenção ao modo como ocorre a construção enunciativa do discurso, visto que a transparência dos discursos é inalcançável. Segundo a autora, ao ler um texto jornalístico, é preciso ter atenção às construções enunciativas que são produzidas no discurso. Conforme suas palavras é relevante “entender o que se diz, mas também ao modo como se diz dada a impossível transparência dos discursos” (MARQUES, 2013, p. 140).

A autora ainda acrescenta que o discurso jornalístico contempla em seus gêneros dois tipos de discurso: o de informação e o de comentário. Os textos de informação são marcados pela tentativa de maior objetividade na construção do conteúdo e, por tal razão, buscam maior objetivação em sua produção discursiva. Já os textos de opinião carregam marcas explícitas da presença e subjetividade do locutor. No caso da pesquisa em questão, as notícias analisadas são categorizadas como textos de informação, caracterizados pelo processo de objetivação. Isso significa que é esperada a utilização de estratégias de desinscrição enunciativa e de apagamento da presença do locutor – e de traços de subjetividade - da materialidade textual, de modo a atribuir mais credibilidade aos fatos informados. Tais reflexões evidenciam que os materiais produzidos no discurso jornalístico não são linguisticamente transparentes: ainda que exista um movimento de busca por um maior distanciamento do locutor para se alcançar a suposta imparcialidade, todo texto é produzido por um sujeito que apresenta marcas de subjetividade. Com isso, torna-se relevante analisar como a materialidade linguística é construída, o que é dito e como é dito, assim como observar o que não é dito, o que está implícito e os silêncios em uma produção jornalística.

Análise dos dados

- Coordenadas enunciativas

Inicialmente busca-se compreender em quais coordenadas enunciativas (EU, TU, AQUI e AGORA) o texto se insere. Segundo Pinto (1998), todo texto possui uma dimensão pragmática, que influencia a significação do texto e nos permite contextualizar os discursos e efeitos de sentido produzidos. No caso do trabalho em questão, o EU presente seria o jornal, aquele que produz a notícia; o TU se refere aos leitores do jornal; o AQUI seria o contexto no qual foi criada a notícia, ou seja, a invasão ao Palácio do Planalto em Brasília; e o AGORA seria momento histórico em que se localiza o dia 8 de janeiro de 2023.

- Escolhas lexicais

Nas duas matérias, a forma como cada jornal escolhe para referenciar as pessoas que estavam presentes durante o ocorrido evidenciam diferentes conceptualizações e interpretações a respeito do fato narrado. O jornal G1 seleciona escolhas lexicais que remetem a pessoas violentas que destroem o patrimônio público, intimidam e geram medo na população. Esta conceptualização dos agentes também convoca sentidos que se aproximam da interpretação que o ocorrido se tratava de um ato ilegal. Já a Folha de São Paulo caracteriza estas pessoas como cidadãos que lutavam, de forma legal dentro dos parâmetros democráticos, por seus direitos e por mudanças sociais ao se posicionarem contra uma decisão política.

As escolhas lexicais feitas para referenciar o grupo bolsonarista revelam que a construção de sentido e o posicionamento em relação ao ocorrido divergem, como podemos observar no quadro abaixo:

Quadro 1 - Processo de Referenciação presentes nas matérias do G1 e Folha de São Paulo

Folha de São Paulo	Golpistas, apoiadores de Bolsonaro, manifestantes golpistas, apoiadores de Jair Bolsonaro, manifestantes, vândalos, apoiadores, bolsonaristas inconformados, manifestantes bolsonaristas, responsáveis, bolsonaristas.
G1	Bolsonaristas, terroristas, pessoas,

	golpistas, Vândalos.
--	----------------------

Fonte: Autoria Própria

Outro aspecto identificado nas duas matérias é a forma como os jornais se referem a Luiz Inácio Lula da Silva (atual presidente da República do Brasil) e a Jair Messias Bolsonaro (ex-presidente do Brasil). O G1 sempre cita o atual presidente como “Lula” ou “presidente Lula” e não faz referência direta ao ex-presidente Jair Bolsonaro, sendo este citado apenas indiretamente quando a notícia caracteriza os deputados bolsonaristas que estiveram envolvidos no ocorrido. Já a Folha de São Paulo cita recorrentemente Jair Bolsonaro como “ex-presidente” e “Jair Bolsonaro”. Em relação a Lula, o texto inicia se referindo a ele como “Luiz Inácio Lula da Silva” e depois o cita como “presidente” (Ver quadro 2).

Quadro 2 - Processo de Referenciação de Lula e Bolsonaro

	Lula	Bolsonaro
Folha de São Paulo	“Luiz Inácio Lula da Silva” “Presidente” “Lula” “Petista” “Presidente Lula”	“Ex-presidente” “Jair Bolsonaro” “Bolsonaro”
G1	“Lula” “O presidente Lula”	“Bolsonaro”

Fonte: Autoria Própria

As marcas de inscrição do locutor no discurso também podem ser identificadas a partir da seleção dos adjetivos atribuídos aos indivíduos presentes no ocorrido. O G1 começa a matéria com três adjetivos em destaque: “Radicais, golpistas e criminosos”. Tendo em conta a polaridade semântica negativa desses termos, a narração do acontecimento é perspectivada pelo viés negativo, também fortalecido pela categorização dos agentes como “terroristas”. A Folha de São Paulo, por outro lado, usa o adjetivo

“inconformados” para descrever os bolsonaristas, fortalecendo o ponto de vista de que estes agentes eram manifestantes protestando o resultado das eleições e a derrota de Jair Bolsonaro.

Os verbos também funcionam como elementos linguísticos que podem reforçar ou atenuar as ideias apresentadas, evidenciando o modo como o locutor se posiciona em relação àquilo que diz (Ver quadro 3). Os verbos “invadir”, “avançar” e “vandalizar”, selecionados pela Folha de São Paulo, reforçam a ideia de que o evento ocorrido se tratava de uma intervenção feita por manifestantes. Já os verbos “depredar”, “roubar” e “destruir” corroboram com o posicionamento do G1 de que estes indivíduos eram “terroristas”.

Quadro 3 - Seleção dos verbos presentes na matéria do G1 e da Folha de São Paulo

Folha de São Paulo	“Invadem”, “invadiram”, “avançaram”, “depredaram”, “vandalizaram”.
G1	“Invadiram”, “depredaram”, “quebraram”, “vandalizaram”, “rasgaram”, “roubaram”, “destruíram”, “retiraram”, “molharam”.

Fonte: Autoria Própria

- Quantificadores

Os quantificadores funcionam como mecanismos que ajudam a construir de forma mais precisa a imagem da situação, atribuindo valores quantitativos sobre o acontecido. Nas matérias analisadas, o G1 apresenta números exatos, como a quantidade de pessoas que foram presas, a quantidade de ônibus presentes nos locais, a quantidade reduzida de policiais no momento do ocorrido e até quantos quilômetros foram percorridos pelas pessoas até chegar ao Palácio do Planalto (Ver quadro 4). Já a Folha de São Paulo não utiliza nenhum quantificador na matéria. Constata-se que esta diferença produz efeitos de sentido em relação ao que é descrito: o fato de o G1 optar por apresentar números exatos permite que o leitor tenha acesso à magnitude da situação, legitimando a gravidade do ato.

Quadro 4 - Seleção dos verbos presentes na matéria do G1 e da Folha de São Paulo

G1	<p>“Pelo menos 300 pessoas haviam sido presas”.</p> <p>“Cem ônibus que chegaram de todo o país com cerca de 4 mil pessoas Iniciaram uma caminhada de 8 km”</p> <p>“A PM mantinha poucos homens”.</p>
Folha de São Paulo	Não foi identificado na matéria.

Fonte: Autoria Própria

- Polifonia

Tomando como base as ideias de Ducrot (1980; 1987), observa-se a presença de pontos de vista discordantes nas negações das matérias. O G1 utiliza da negação para evidenciar que o governo do Distrito Federal não protegeu o patrimônio público durante o acontecimento e, em outro parágrafo, reforça tal isenção por parte do governo. Utilizou-se dos marcadores “mesmo assim” e “embora” para destacar que, apesar do conhecimento a respeito dos acampamentos na cidade, não houve ações preventivas. Já a Folha de São Paulo utiliza da negação para informar que o presidente Lula se encontrava em outra cidade durante o acontecimento e, em seguida, para explicar que o governo federal não havia conseguido cessar as invasões e expulsar os manifestantes (Ver quadro 5).

Quadro 5: Usos da negação presentes na matéria do G1 e da Folha de São Paulo

G1	<p>“Mesmo assim, o governo do DF não adotou medidas suficientes para proteger os prédios.”</p> <p>“Embora a ação terrorista tenha sido convocada publicamente ao longo da semana em redes bolsonaristas, inclusive com promessas de transporte grátis e alimentação, as autoridades do DF não agiram preventivamente.”</p>
----	--

Folha de São Paulo	“O presidente Lula não está em Brasília neste final de semana - viajou para São Paulo e visitava Araraquara, no interior paulista, para acompanhar vítimas das chuvas.” “No entanto, o que se viu foi o oposto. Além de não ter conseguido expulsar os manifestantes, o governo teve que acionar a Força Nacional para reforçar a segurança da Esplanada dos Ministérios.”
--------------------	---

Fonte: Autoria Própria

O uso da negação contrapõe pontos de vista discordantes, que separaram o que era esperado do governo e das forças policiais e o que efetivamente aconteceu na realidade. Ao retratar que o governo não adotou medidas suficientes para proteger os prédios e que as autoridades do Distrito Federal não agiram preventivamente, a materialidade textual deixa implícito que o esperado era que o governo adotasse medidas de proteção do patrimônio público, destacando a ineficácia das forças policiais para impedir o ato. O mesmo ocorre no uso da negação na matéria do jornal Folha de São Paulo: ao relatar que o presidente Lula não estava em Brasília e que o governo não havia conseguido expulsar os manifestantes, a construção textual deixa implícito que era esperado que o presidente atuasse de perto na situação e que o governo conseguisse resolver o problema. Dessa forma, estes elementos linguísticos, reforçados pelos marcadores “Mesmo assim” e “Além”, produzem efeitos de sentido de crítica em relação à postura adotada pelo governo e destacam também a falta de eficiência das forças policiais.

- Construção argumentativa

Por fim, foi analisada a construção argumentativa em relação à ação dos policiais militares (PMs). O G1 faz referência à Polícia Militar como “poucos PMs” e “poucos homens”, também comentando que houve omissão e críticas ao posicionamento dos policiais. Além disso, seleciona expressões como “terroristas” e “policiais conversando com bolsonaristas”, atribuindo proximidade entre tais atores.

A Folha de São Paulo apresenta os policiais militares no título da matéria: “Golpistas invadem Planalto, Congresso e STF; PM reage com bombas”. Ao longo do texto, retoma esta ideia do título ao mencionar que “em reação às bombas, manifestantes soltaram fogos de artifício”. A lógica argumentativa apresentada constrói a situação a

partir da contraposição de dois opostos no confronto: de um lado, uma atitude mais agressiva atribuída à PM por usar bombas, geralmente associadas a situações de grande violência; e, por outro, uma atitude mais pacífica atribuída ao grupo invasor por usar fogos de artifício como resposta, que remetem ao cenário de festividades e comemorações. Esta construção da imagem da força policial ali presente é contraditória com outros momentos do próprio texto, em que é referida uma postura passiva dos PMs, que “foram vistos à distância do local sem reagirem diretamente, apenas tirando fotos dos acontecimentos com seus celulares” (Ver quadro 6).

Quadro 6: Citações do G1 e da Folha de São Paulo que abordam a ação dos policiais

<p>G1</p>	<p>“Na Esplanada dos Ministérios, onde está o Congresso, a PM mantinha poucos homens. A barreira policial foi facilmente vencida pelos terroristas, que subiram a rampa do Congresso. Os poucos PMs tentaram conter a turba só com spray de pimenta e tiveram que recuar. A Polícia Legislativa também não conseguiu evitar a invasão.”</p> <p>“Já com os prédios tomados pelos terroristas, a PM aumentou o efetivo e passou a usar bombas e gás lacrimogêneo, com apoio da cavalaria e da Tropa de Choque. Alguns policiais foram agredidos.”</p> <p>“Embora a ação terrorista tenha sido convocada publicamente ao longo da semana em redes bolsonaristas, inclusive com promessas de transporte grátis e alimentação, as autoridades do DF não agiram preventivamente. A PM do DF foi criticada por se omitir. Vídeos mostram policiais conversando com bolsonaristas e filmando a invasão do Congresso.”</p>
<p>Folha de São Paulo</p>	<p>“Golpistas invadem Planalto, Congresso e STF; PM reage com bombas” - Título.</p> <p>“Manifestantes golpistas entraram na Esplanada dos Ministérios na tarde deste domingo (8), invadiram o Palácio do Planalto, o Congresso e o STF (Supremo Tribunal Federal), espalharam atos de vandalismo em Brasília e entraram em confronto com a Polícia Militar.”</p>

	<p>“Policiais militares do Distrito Federal foram vistos à distância do local sem reagirem diretamente, apenas tirando fotos dos acontecimentos com seus celulares.”</p> <p>“Em Brasília, em reação às bombas, manifestantes soltaram fogos de artifício. No confronto, atiraram grades de ferro e outros objetos contra os policiais, que tiveram carros quebrados. Uma viatura teve os pneus esvaziados e foi jogada parcialmente para dentro do espelho d’água em frente ao Congresso.”</p>
--	--

Fonte: Autoria Própria

Considerações finais

A partir das análises, foi possível perceber como os jornais Folha de São Paulo e G1 narram o acontecimento a partir de enquadramentos diferentes, por meio de mecanismos linguísticos e discursivos presentes nos textos. As disposições distintas se constituem não apenas nas escolhas lexicais e nos quantificadores; mas também na contraposição de pontos de vista, na seleção de informações, na ênfase dada a determinados recortes do acontecimento e na construção da lógica argumentativa, demonstrando assim a presença de marcas de subjetividade inerentes ao processo de comunicação jornalística. Tais fatores podem ainda exercer influência na forma como o alocutário - receptor da notícia - recebe, interpreta e compreende o texto.

Tendo em vista o contexto político e partidário do Brasil, em que frequentemente os segmentos e discussões encontram-se altamente polarizados, as diferenças dos enquadramentos dados pelos veículos de notícias adquirem ainda mais relevância. Neste caso, a análise dos enquadramentos da Folha de São Paulo e G1 revela não somente diferentes formas de apresentar o mesmo acontecimento, como também a importância do papel da mídia na formação da opinião pública, que pode influenciar significativamente a percepção dos acontecimentos por parte dos leitores e, conseqüentemente, moldar o debate político.

Referências

AVANCINI, Atílio José; TUGNY, Constantin de. **O Espetáculo Golpista**: análise das reverberações das imagens de violência do 08 de janeiro de 2023. Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, [S. l.], 2023. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://sistemas.intercom.org.br/pdf/link_aceite/nacional/11/0816202315340264dd169a3b342.pdf. Acesso em: 19 mai. 2024.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 2016. 496 p. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf. Acesso em: 27 mai. 2024.

CAPPELLI, Ricardo. **Relatório sobre os fatos ocorridos no dia 08 de janeiro de 2023**. Governo do Distrito Federal, 2023. Disponível em: <https://static.poder360.com.br/2023/01/1-RELATORIO-FINAL.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2024.

DUCROT, Oswald et al. **Les mots du discours**. Paris: Minuit, 1980.

DUCROT, Oswald. Esboço de uma teoria polifônica da enunciação. In: _____. **O dizer e o dito**. Campinas, SP: Pontes, 1987. p. 161-218.

FERES JÚNIOR, J.; SASSARA, L. O cão que nem sempre late: o Grupo Globo e a cobertura das eleições presidenciais de 2014 e 1998. **Revista Compólitica**, v. 6, n. 1, 2016.

GARCIA, Naiara Diniz. **A mídia versus o poder judiciário: a influência da mídia no processo penal brasileiro e a decisão do juiz**. Pouso Alegre, MG: FDSM, 2015.

Golpistas invadem Planalto, Congresso e STF; PM reage com bombas. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/01/bolsonaristas-sobem-em-teto-do-congresso-e-pm-reage-com-bombas.shtml>. Acesso em: 4 mai. 2024.

GUAZINA, Liziane; SANTOS, Ébida. O impeachment de Dilma Rousseff nas capas da Folha de S. Paulo. In: **ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS**, 41., 2017, Caxambu. Caxambu: Anpocs, 2017.

MARQUES, M. A. Construir a responsabilidade enunciativa no discurso jornalístico. **Redis: Revista de Estudos do Discurso**, [S. l.], n. 2, p. 139–166, 2013. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/re/article/view/3590>. Acesso em: 20 mai. 2024.

MARQUES, M. A.; RAMOS, R. Discursos migrantes: estratégias de construção de nós e os outros em discursos jornalísticos de opinião. **Comunicação e Sociedade**, [S. l.], v. 38, p. 17–39, 2020. DOI: 10.17231/comsoc.38(2020).2594. Disponível em:

<<https://revistacomsoc.pt/index.php/revistacomsoc/article/view/2594>>. Acesso em: 28 mai. 2024.

OLIVIERI-GODET, Rita; GARCIA, Mireille. Apresentação: literatura e ditadura. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, [S. l.], n. 60, p. 1–5, 2020. DOI: 10.1590/2316-4018600. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/30752>. Acesso em: 28 jun. 2024.

PASSETTI, Edson; LUCATO, Diego. 8 de janeiro de 2023, um golpe de ar azedo. **Mnemosine**, [S. l.], v. 19, n. 1, 2023. DOI: 10.12957/mnemosine.2023.76206. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/mnemosine/article/view/76206>>. Acesso em: 22 mai. 2024.

Terrorismo em Brasília: o dia em que bolsonaristas criminosos depredaram Planalto, Congresso e STF. Disponível em: <<https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2023/01/08/o-dia-em-que-bolsonaristas-invadiram-o-congresso-o-planalto-e-o-stf-como-isso-aconteceu-e-quais-as-consequencias.ghtml>>. Acesso em: 10 mai. 2024.

TVERSKY, A. & Kahneman, D. The framing of decisions and the psychology of choice. **Science**, v. 211, n. 4481, p. 453-458, 1981. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/1685855>>. Acesso em: 16 mai. 2024.